

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional

Curso de Psicologia



Trabalho de Conclusão de Curso

**Perfil, percepções e pretensões de acadêmicos de um curso de Psicologia do
Sul do Brasil**

Jessica Thurow Griep

Pelotas, 2018

Jessica Thurow Griep

**Perfil, percepções e pretensões de acadêmicos de um curso de Psicologia do
Sul do Brasil**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Tiago Neuenfeld Munhoz

Pelotas, 2018

Jessica Thurow Griep

Perfil, percepções e pretensões de acadêmicos de um curso de Psicologia do Sul do
Brasil

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do
grau de Bacharel em Faculdade de Psicologia, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 01 de agosto de 2018

Banca examinadora:

Prof. Dr. Tiago Neuenfeld Munhoz (Orientador)

Doutor em Epidemiologia pela Universidade Federal de Pelotas

Prof.^a Dr.^a Airi Macias Sacco

Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof.^a Dr.^a Gabriela Callo

Doutora em Epidemiologia pela Universidade Federal de Pelotas

Dedico este trabalho a todos aqueles que estiveram ao meu lado nesta jornada. Em especial aos meus pais, que não mediram esforços para que esse sonho se realizasse.

Perfil, percepções e pretensões de acadêmicos de um curso de Psicologia do Sul do Brasil

RESUMO

Objetivo: Este estudo tem por objetivo investigar o perfil, perspectivas e pretensões de acadêmicos de um curso de Psicologia de uma universidade federal do sul do Brasil.

Métodos: Foi realizado um estudo quantitativo com delineamento transversal, com amostra de 214 acadêmicos que responderam a um questionário auto aplicado, a coleta de dados foi realizada principalmente em sala de aula.

Resultados: Verificou-se que a maioria dos discentes são mulheres, brancas, com idade de 20 a 24 anos. Tiveram como principal motivação para a escolha do curso a vocação para a área, pretendendo com sua formação ajudar pessoas e conhecer/entender os comportamentos e emoções. Mais da metade dos acadêmicos pretendem dar continuidade aos estudos com pós-graduação, quatro a cada dez discentes pretende atuar na área clínica, um terço referiu identificação principal com a abordagem teórica psicanalítica e referiu que pretende trabalhar principalmente com adultos. Em relação aos cuidados com a saúde mental, 30,4% dos acadêmicos referiram realizar psicoterapia no momento da entrevista, e quase metade dos discentes consideraram que tinham alguma dificuldade/sofrimento psíquico que demandaria ajuda profissional. Aproximadamente um a cada cinco discentes relataram que já receberam algum diagnóstico de transtorno mental e um a cada dez relatou o uso de algum psicofármaco.

Conclusões: Os dados são similares com o perfil discente encontrado em outras pesquisas e corroboram com a média nacional da classe.

Palavras-chave: formação acadêmica, atuação profissional, psicologia.

Lista de Tabelas

- Tabela 1 Descrição da amostra de acordo com as características avaliadas.....
- Tabela 2 Comparação entre os estudantes que trabalhavam e não trabalhavam de acordo com características demográficas, socioeconômicas, do curso de graduação e saúde mental.....

Sumário

1 INTRODUÇÃO	8
2 MÉTODO	10
3 RESULTADOS	12
4 DISCUSSÃO	14
5 REFERÊNCIAS	18

1 INTRODUÇÃO

Ao adentrar a temática sobre perfis, perspectivas e pretensões de acadêmicos, é preciso explorar o tema da formação acadêmica. Mais, especificamente dentro da Psicologia esse tema a muito tempo tem sido objeto de estudo e debate, enfocando desde as questões curriculares, formação científica e para pesquisa, formação complementar, metodologias de ensino e de supervisão, a questões éticas, políticas e epistemológicas. Bem como também a interface com as diversas áreas de atuação do profissional da psicologia. Isto se dá, em decorrência da grande preocupação existente, no que diz respeito a formação do psicólogo brasileiro, uma vez que é visto a discrepância existente entre a formação acadêmica e o que de fato chega ao profissional em sentido de demandas da sociedade.

Os desafios perante a formação e atuação profissional na psicologia, se arrastam desde a regulamentação oficial da profissão de psicólogo e o estabelecimento de critérios educacionais para a criação dos cursos de psicologia; E considerando o crescente número de cursos de Psicologia sendo ofertados no país, número este que só cresce desde a década de 1970, é de suma importância que se ponha um olhar mais atento e rigoroso do que tange a qualidade na formação. Pois a precariedade no ensino é uma realidade, não somente nos cursos de psicologia, e são necessárias novas políticas, novas criações para que esse cenário possa ter melhorias significativas.

Nesse sentido diversos autores, colocam em evidência a necessidade e importância de que as instituições formadoras se debrucem no estudo das características de seus estudantes universitários, intuindo uma visão mais ampliada, que proporcione tomadas de decisão e planejamentos pedagógicos mais adequados e que façam mais sentido para formação (BUENO & COLS, 2004). Refletindo essas questões através de vieses da própria psicologia podemos pensar ações, que partam de um olhar individual dos sujeitos, analisando e observando as particularidades dos grupos que formam os cursos de psicologia. Pela literatura, no contexto universitário temos como influenciadores no desempenho e desenvolvimento psicossocial dos estudantes, dificuldades de diversas naturezas, que perpassam desde as questões individuais desses alunos, como também as novas exigências acadêmicas e o novo ambiente ao qual ele está se inserindo (CUNHA & CARRILHO, 2005).

Conhecer o perfil do estudante, e entender ao menos um pouco das suas pretensões é um caminho para oferecer-lhe uma formação que agregue valor de fato a sua vida profissional, tornando seu processo de adaptação e aprendizagem menos penoso. Quanto as pesquisas já realizadas no tema, o primeiro grande estudo buscando conhecer as características sobre a profissão no Brasil, foi realizado pelo Conselho Federal de psicologia em 1988. Na época haviam 58.277 profissionais registrados nos Conselhos de Psicologia. Com os dados coletados, caracterizou-se: profissão feminina, (chegando a um percentual de 85% de mulheres), faixa etária de 22 a 30 anos, residentes dos centros urbanos. Além disso, verificou-se através da pesquisa que parte destes profissionais devido a má remuneração do setor trabalhavam no exercício da psicologia apenas em período parcial, complementando a renda mensal com outras atividades. O Conselho Federal de Psicologia fez novas pesquisas, em 1994 e em 2001. Os resultados assemelharam-se aos mesmos achados na pesquisa realizada em 1988 (PEREIRA & PEREIRA NETO, 2003).

Yamamoto (2012), em seu apanhado à cerca dos primeiros 50 anos da psicologia como profissão regulamentada, verificou mudanças no que permeia a modalidade de inserção do psicólogo no mercado de trabalho, onde por influência do modelo médico/profissional, tinha principalmente o trabalho autônomo como sua prática. Já em 2010 os dados demonstram novas tendências, trazendo um equilíbrio entre as modalidades de inserção, com 52% dos profissionais assalariados e 48% autônomos, sendo que apenas 1/5 dos autônomos atuavam de forma exclusiva. O setor público como modalidade de maior inserção, chegando a 40% da amostra, e a combinação de duas ou mais áreas de inserção chega a abarcar cerca de 65% dos psicólogos. Dados estes, que apontam também de forma geral questões de má remuneração já observadas pelos estudos realizados pelo Conselho Federal de Psicologia (1988,1994 e 2001).

Estudos publicados sobre o perfil dos estudantes do curso de Psicologia, identificaram que a maioria dos discentes são mulheres, com idade entre 20 e 27 anos, que iniciaram a graduação em Psicologia com objetivo de ajudar pessoas, e pretensão de atuar na área clínica. Um estudo de Magalhães e colaboradores (2001), com 146 alunos no primeiro ano do curso de Psicologia em duas universidades (uma pública e outra particular) identificaram o perfil do estudante de psicologia como sendo jovem (entre 17 e 22 anos), que objetiva ajudar e compreender as pessoas e que pretende atuar na área clínica. No estudo de Lin e colaboradores (2015), avaliando o perfil e

expectativas de 28 alunos concluintes do curso de Psicologia no Estado de Rondônia, identificaram que a média de idade dos alunos era de 27 anos, sendo 86% do sexo feminino, e que 48% tiveram como objetivo inicial da graduação “ajudar as pessoas”. Embora as pesquisas não sejam representativas a nível nacional, seus resultados seguem de acordo aos achados pelas pesquisas realizadas pelo Conselho de Psicologia.

Atualmente, com o momento de grande turbulência política e econômica que o país enfrenta, com recessão e demissões em massa, intensifica-se a preocupação dos estudantes com a boa formação e preparo para o mercado de trabalho. Sentir-se preparado e de fato inserido em um espaço de ensino com o qual se identifica, é fundamental para que haja de fato desenvolvimento profissional. E apesar do que já se sabe, o conhecimento acerca de identidade e perfis é extremamente amplo, podendo mudar de acordo com as peculiaridades de regiões e culturas onde estão inseridos. E após a regulamentação da Psicologia como Profissão, muitos estudos já foram realizados, buscando conhecer as características predominantes nos cursos de psicologia. No entanto, não fora encontrado nenhum registro mais aprofundado com estudantes de cursos de psicologia da região sul do Brasil. Com este intuito, o trabalho propõe investigar o perfil de estudantes de um curso de psicologia de uma universidade federal no Sul do Brasil.

2 MÉTODO

Trata-se de um censo realizado com acadêmicos matriculados regularmente em um curso de Psicologia no primeiro semestre de dois mil e dezoito.

A coleta de dados ocorreu no período de abril a junho de 2018. Foram consideradas perdas às entrevistas para todos aqueles que não foram localizados em sala de aula após, ao menos, três tentativas em dias e horários diferentes.

Instrumentos

Os participantes responderam a um questionário anônimo, estruturado, auto aplicado, contendo questões abertas e fechadas. Foram avaliadas, as características demográficas como sexo (masculino e feminino), cor da pele - classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), idade em anos completos,

estado civil (solteiro, união estável, separado ou viúvo), macrorregião de origem (Sul, Sudeste, Norte, Nordeste ou Centro-Oeste).

Informações socioeconômicas incluíram a escolaridade do pai e da mãe, renda familiar (salários mínimos), situação de trabalho (não/sim), carga horária de trabalho semanal (eventualmente, ≤ 10 horas, 11-20, 21-39, ≥ 40 horas), situação financeira (não ter renda e receber assistência governamental, não ter renda e receber assistência de terceiros, ter renda e ajudar terceiros, ter renda e se sustentar, ter renda e sustentar a família, ser principal responsável pelo sustento familiar), classificação econômica segundo a Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP – classe A, B, C, D, E).

Foram coletadas informações sobre a formação acadêmica prévia ao curso de Psicologia, incluindo tipo de escola que concluiu o ensino médio (escola pública ou privada) e conclusão do ensino superior previamente ao ingresso na Psicologia (sim/não). Em relação ao curso de graduação em Psicologia, foram coletadas informações sobre a forma de ingresso no curso (ampla concorrência, ações afirmativas ou inclusão social), ano de ingresso, horas de estudo por semana (0, <1, 1-2, 2-3, ≥ 3), principal motivo da escolha pelo curso de Psicologia (inserção no mercado de trabalho, influência familiar, valorização profissional, prestígio social, vocação, baixa concorrência para ingresso, remuneração financeira), pretensões com a formação durante a escolha profissional (ajudar as pessoas, entender a si próprio/a, obter retorno financeiro, conhecer/entender a mente humana, conhecer/compreender os comportamentos e emoções, outras pretensões), razão principal para escolha do curso na instituição (gratuidade, proximidade com residência, proximidade com trabalho, facilidade de acesso, qualidade/reputação, única opção de aprovação, possibilidade de bolsa de estudo, outro motivo), pretensão de fazer pós-graduação (sim/não), área que pretende atuar (clínica, social, organizacional/trabalho, hospitalar, educacional/escolar, jurídica, trânsito, esporte, professor do ensino superior, outras), local que pretender trabalhar (consultório particular, empresa privada, CAPS, CRAS, UPA, Hospital, ainda não decidiu, outros locais), linha teórica que se identificava no momento da entrevista e o público alvo que pretende trabalhar. Também foram coletadas informações relacionadas a saúde mental, incluindo histórico de saúde mental (diagnóstico de algum transtorno mental [sim/não]), realização de psicoterapia atualmente (sim/não), utilização de psicofármacos (sim/não) e questões relacionadas a percepção de preconceito (sim/não).

Análise de Dados

Os questionários foram duplamente digitados no programa Epi Data (versão 3.1) e posteriormente foi realizada a análise descritiva dos dados através do programa estatístico Stata (versão 12). A frequência absoluta e relativa das variáveis foi descrita em Tabelas. Após, foram realizadas análises bivariadas para testar a associação entre as variáveis independentes e a variável dependente (situação de trabalho) utilizando o teste qui-quadrado, adotando-se um nível de significância de 5%.

Aspectos éticos

De acordo com a Legislação vigente (RESOLUÇÃO Nº 466, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012), este estudo foi submetido a avaliação do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Pelotas e somente após a sua aprovação - sob o parecer nº 2.551.276 - foi iniciada a coleta de dados. Foi solicitado o TCLE de todos os indivíduos participantes, assegurando o direito de não resposta de parte ou da totalidade do questionário, e garantindo sigilo de todos os dados coletados. Uma cópia do termo de consentimento livre e esclarecido ficou em poder do entrevistado. Não foram realizados procedimentos invasivos, que pudessem acrescentar riscos conhecidos à saúde individual.

3 RESULTADOS

Previamente a coleta de dados, estimava-se entrevistar 278 discentes do curso de Psicologia após contato com a secretaria do curso dos quais 214 (77%) acadêmicos foram entrevistados. Oito estudantes recusaram a participação no estudo, 56 não foram localizados após 3 tentativas em dias e horários diferentes e/ou estavam infrequentes.

A Tabela 1 apresenta as características demográficas, socioeconômicas, relacionadas a formação, ao curso e a saúde mental dos estudantes do curso de Psicologia. A maioria dos discentes são mulheres (74,6%), brancas (71,1%), com idade de 20 a 24 anos (39,5%), solteiras (70,4%) e sem filhos (83,6%). Mais da metade da amostra residia na cidade da instituição antes do ingresso no curso de Psicologia

(62,7%) e cerca de quatro a cada dez discentes residiam na casa dos pais (41,1%). Foi observado que cerca de um terço da amostra referiu escolaridade de nível médio para ambos os pais (35,8% e 31,5% para pai e mãe, respectivamente). Praticamente metade da amostra situava-se na classe econômica B (49,5%). Mais da metade dos acadêmicos não trabalhavam no momento da entrevista (52,3%) e, aproximadamente, um a cada três acadêmicos (36,2%) eram sustentados pela família ou outras pessoas. Entre os discentes trabalhadores, um terço (35,1%) relatou trabalhar ≥ 20 horas semanais e durante dois turnos diariamente (manhã e tarde).

Com relação ao ensino e formação anterior à graduação, a maioria estudou em escola pública (68,6%) e escolheram o curso de Psicologia como primeira opção (77,1%). Um a cada quatro discentes havia concluído outro curso de graduação (24,4%) e menos da metade destes ingressaram por meio de ações afirmativas na universidade (44,1%). Três em cada quatro estudantes estavam regulares no curso, isto é, cursando o semestre adequado ao ano de ingresso, dos quais 44,9% ingressaram nos anos de 2014 ou 2017. Em relação as horas de estudo extracurriculares, identificou-se que dois a cada três discentes dedicam menos de três horas semanais para estudo (67,1%).

A maior parte dos discentes referiram que a sua principal motivação para a escolha do curso foi a vocação para a área (63,3%), pretendendo com sua formação ajudar pessoas (31,4%) e conhecer/entender os comportamentos e emoções (30,8%). Já a escolha pela instituição em questão, levou em conta a gratuidade (50,9%). Com relação as expectativas posteriores à obtenção do diploma, 52,4% dos acadêmicos pretendem dar continuidade aos estudos com pós-graduação, 98,1% pretendem exercer a profissão dentro da psicologia, quatro a cada dez discentes pretende atuar na área clínica (42,1%), um terço referiu identificação principal com a abordagem teórica psicanalítica (32,5%) e referiu que pretende trabalhar com todas as idades (31,1%), principalmente aos adultos (37,8%). No entanto, deve-se destacar que quase metade dos discentes não sabia informar qual local de trabalho gostaria de atuar (45,9%).

Em relação aos cuidados com a saúde mental, 30,4% dos acadêmicos referiram realizar psicoterapia no momento da entrevista e 65,1% já fizeram em algum momento da sua vida. Também foi identificado que quase metade dos discentes (45,3%) consideraram que tinham alguma dificuldade/sofrimento psíquico que demandaria ajuda profissional. Aproximadamente um a cada cinco discentes

relataram que já receberam algum diagnóstico de transtorno mental (18,7%) e um a cada dez relatou o uso de algum psicofármaco (10,3%). Um a cada seis acadêmicos consideraram ter sofrido preconceito de algum tipo no curso (15,6%).

A Tabela 2 apresenta comparação entre estudantes que trabalham e aqueles que não trabalham de acordo com algumas características selecionadas. Foi observado um perfil similar em relação ao sexo biológico, cor/raça, renda familiar, situação econômica, regularidade no curso e dedicação aos estudos. Também não diferem significativamente quanto ao motivo e pretensão referente a escolha do curso e da instituição, bem como área e linha teórica de interesse para atuação profissional, pretensão de local e público para trabalhar, e mais da metade de ambos os grupos (trabalhadores e não trabalhadores) pretendem dar seguimento aos estudos com pós-graduação. Por outro lado, observou-se que os estudantes que trabalham, de maneira geral, são mais velhos, estão em união estável ou vivem com companheiro, residiam em Pelotas antes de iniciar o curso, e mais da metade possuem outra graduação (50,7%). Identificou-se uma proporção menor de diagnóstico autorreferido para algum transtorno mental entre aqueles que estavam trabalhando (8%) em comparação aos que não estavam (24,5%). Os estudantes que trabalhavam apresentaram maior preferência pelo curso durante o período da noite (90,1%), e consideraram que os horários de estágio não são compatíveis com o turno do curso (71,8%).

4 DISCUSSÃO

A cerca de cinquenta anos a Psicologia foi regulamentada como profissão no Brasil. Desde a primeira pesquisa sobre o perfil do psicólogo brasileiro na década de 1980 (Conselho Federal De Psicologia, 1988), muitos cursos de psicologia se consolidaram e novos cursos surgiram no país. O alcance da categoria está por todos os lugares e o perfil e atuação profissional apresentaram algumas modificações e outras continuidades (Pereira e Pereira Neto, 2003; Lisboa e Barbosa, 2009; Yamamoto, 2012; Santos *et al.*, 2014; Lins *et al.*, 2015).

Estudos sobre o perfil discente e profissional da Psicologia realizados por Bastos e Gomide (1989), Yamamoto *et al.* (1997), Santos *et al.* (2014), Borges-Andrade *et al.* (2015), Lins *et al.* (2015), Rechtman (2016) identificaram a psicologia como uma profissão majoritariamente feminina ($\geq 90\%$), perfil também observado no presente estudo. Estes dados corroboram a necessidade de compreender quais

aspectos socioculturais influenciam nas questões a carreira, atuação profissional e mercado de trabalho. Algumas explicações encontradas na literatura sustentam que as mulheres possuem mais aptidões para as áreas humanas, mais pontualmente ao que tange as emoções, comportamentos, tem mais anseios em ajudar ao próximo, são mais sensíveis, entre outras características. Mas também são aspectos apontados como decorrência dos processos verticais de socialização, reforçadores dos modelos sexuais e ocupacionais (Yamamoto *et al.*, 1997). Mesmo considerando a expansão global de mulheres dentro dos cursos superiores, há maior concentração destas em determinadas áreas. De maneira geral observa-se divisão entre profissões predominantemente femininas ou masculinas, onde as áreas de Ciências Humanas e de Letras tem sido consideradas áreas predominantemente femininas (Castro e Yamamoto, 1998). No entanto, assim como no presente estudo, tem-se identificado um aumento na participação do sexo masculino na profissão (Bardagi *et al.*, 2008).

Foi observado que existe um predomínio de pessoas jovens, com cor da pele branca, que residiam na mesma cidade da universidade, que mais da metade pertenciam a classe econômica A ou B, cujos pais tinham nível de escolaridade com ensino médio/superior e não estavam trabalhando no momento da entrevista. Este perfil também foi observado em outros estudos sobre universitários do curso de Psicologia e de outras profissões, uma vez que isto reflete aspectos da estrutura social brasileira (Yamamoto *et al.*, 1997; Igue *et al.*, 2008; Pochmann, 2010; Yamamoto *et al.*, 2011; Ristoff, 2014). O perfil observado entre os discentes do curso de Psicologia, especialmente em relação as características demográficas (idade e cor da pele) e socioeconômicas (situação de trabalho e classe econômica), reflete as características predominantes na população geral da cidade de acordo com dados do IBGE. Destaca-se que a proporção de estudantes que trabalhavam no momento da entrevista é quase duas vezes maior àquela observada na população geral (24,7%). Em relação a psicologia, deve-se destacar que as Instituições de Ensino Superior (IES) são, em sua maioria privadas, oportunizando a referida formação principalmente para pessoas de uma classe social mais favorecida (Yamamoto *et al.*, 2011), embora políticas de financiamento estudantil tenham ocupado importante espaço nas IES privadas no país. De acordo com informações do Exame Nacional do Ensino Médio, cerca de nove em cada dez formandos em Psicologia é oriundo de universidades privadas. Nos últimos anos, especialmente com a política de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), tem-se observado um aumento expressivo no

número de IES públicas e aumento no número de vagas de ingresso, principalmente em cursos noturnos (Borges e Fernandez Aquino, 2012). Ainda em relação as políticas nacionais, também tem-se observado a oferta e expansão de políticas de ação afirmativa para ingresso e inserção na universidade, ampliando a participação da população historicamente excluída da estrutura social brasileira, especialmente no tocante a formação universitária (Ristoff, 2014).

A maioria dos discentes adentraram os portões da academia de certa forma convictos da escolha pelo curso em questão, tiveram esta como sua primeira opção. Entretanto, o motivo de escolha do curso pelos discentes certamente está refletido do conhecimento leigo que se tem à cerca da psicologia. Mais da metade dos discentes escolheram cursar psicologia por acreditarem na vocação e pelo desejo de ajudar as pessoas. Consequência de uma visão estereotipada da profissão, envolvendo principalmente fatores intrínsecos como a busca por desenvolvimento pessoal, desejo de entender o ser humano e assim ajuda-lo, ou a visão propriamente dita do psicólogo como “alguém que ajuda pessoas”, já observados por outros estudos (Bardagi *et al.*, 2008; Lins *et al.*, 2015). E quanto a forma de exercício profissional e abordagem teórica, a atuação na prática clínica e a aproximação com a abordagem da teoria psicanalítica são de maior interesse entre os acadêmicos. Uma explicação plausível sobre este perfil de exercício profissional e abordagem teórica predominante deve-se a constituição histórica da profissão, as diretrizes curriculares nacionais e ao mercado de trabalho para as/os profissionais da Psicologia no Brasil (Pereira e Pereira Neto, 2003). O foco de debates à cerca da profissão, voltaram-se para a atuação nas políticas públicas, discutindo e refletindo as responsabilidades e o compromisso social da profissão diante de um projeto ético-político para a Psicologia. Já é realidade a predominância de psicólogos incluídos no setor público (40%), reflexo dos avanços das políticas sociais. A área passou a ser considerada tendência de mercado para as próximas décadas (Yamamoto, 2012; Pereira *et al.*, 2018; Travassos e Mourão, 2018). De acordo com o Conselho Federal de Psicologia (CFP) brasileiro, existem 318.684 (85,3% do sexo feminino) cadastrados em todo território nacional ¹ e de acordo com informações do Ministério da Saúde, 62.924 (93,4%) estavam cadastrados como psicólogos clínicos e atuavam no serviço público em junho de 2018. Este número de psicólogas/os no serviço público corresponde a menos de 20% do total de

¹ <http://www2.cfp.org.br/infografico/quantos-somos/> acessado em 24/07/2018.

psicólogas/os inscritas/os no CFP, no entanto, como apontado por outras pesquisas, a maior parte das/os psicólogas/os no país atua na área clínica e organizacional (Yamamoto, 2012). É mais provável que este perfil seja observado devido a maior oportunidade de emprego e renda nestas áreas e não meramente por questões relacionadas a formação profissional. As questões relacionadas ao perfil da formação profissional são constantemente discutidas pelo CFP e deve-se considerar a relação entre formação profissional e mercado de trabalho, uma vez que os cursos de graduação ainda ocupam um papel importante em relação a perspectiva de trabalho e renda no país. Tem-se discutido a necessidade de inclusão de diferentes áreas de atuação durante a graduação para que os futuros profissionais possam ter maior aproximação destas áreas de atuações que ainda são incipientes (Bastos e Gomide, 1989; Bardagi *et al.*, 2008; Brasileiro e Souza, 2010; Andrade *et al.*, 2015). Diante de tantas transformações, a formação e a prática do psicólogo devem ser repensadas de forma crítica, entendendo que não se pode privilegiar uma formação técnica sem os atravessamentos políticos ligados ao fazer profissional (Pereira *et al.*, 2018).

Mais da metade dos discentes relatou já ter realizado psicoterapia em algum momento da vida, mas no momento da pesquisa cerca de 30% dos discentes estavam em atendimento psicoterápico. Ao mesmo tempo, $\geq 45\%$ considerava ter alguma dificuldade/sofrimento psíquico que demandaria de ajuda profissional. Também se destaca que aproximadamente 20% destes discentes já foram diagnosticados com algum transtorno mental e cerca de 10% fazem uso de medicação psiquiátrica. Independente da linha teórica ou das técnicas que se utilizam, o alicerce da psicologia é a saúde mental e a qualidade de vida dos indivíduos. E um olhar de cuidado a essas questões, é extremamente necessário dentro das IES, uma vez que há evidências de que os problemas de saúde mental tendem a ocorrer com maior frequência em período de transições e/ou situações de vida potencialmente estressantes, como durante o período universitário. Estudos comparativos, revelaram que o fator acadêmico é preponderante para o aparecimento de transtornos mentais no início da vida adulta (Cerchiari, 2004; Neves e Dalgarrondo, 2007). Um estudo de revisão sistemática reportou que tem-se observado um número crescente de problemas de relacionamento, estresse, ansiedade, depressão, risco de suicídio, uso de substâncias, além de outros problemas de saúde mental entre os estudantes universitários (Storrie *et al.*, 2010). Existem evidências de que estratégias de cuidado à saúde mental nas universidades são efetivas, especialmente em relação a sintomas

de depressão e ansiedade (Winzer *et al.*, 2018). Entre estas estratégias, observou-se que psicoterapia de grupos com abordagem cognitivo-comportamental foi a estratégia mais pesquisada e, também, com melhores resultados (Winzer *et al.*, 2018). Deve-se considerar que ter conhecimento do perfil dos estudantes e proporcionar espaços de escuta e acolhimento, não necessariamente por profissionais de saúde mental, podem ser estratégias facilmente implementadas nas universidades e com potencial benéfico para a saúde mental. Portanto, atenção à saúde mental na universidade tem implicações éticas e fundamentais para a formação de profissionais qualificados, saudáveis e satisfeitos (Cerchiari, 2004; Cerchiari *et al.*, 2005; Andrade *et al.*, 2011).

Os resultados do presente estudo corroboram com o perfil da profissão observado no Brasil e que também se assemelham com os demais estudos realizados com discentes de Psicologia por todo país. Perfil este, que se constitui majoritariamente por mulheres, brancas e jovens, que desejam ajudar pessoas atuando principalmente na área clínica, pertencentes a uma classe econômica favorecida, podendo em sua maioria ter dedicação total aos estudos. Características que são marcantes e até então permanentes dentro dos cursos de graduação em Psicologia.

5 REFERÊNCIAS

ANDRADE, J. E. B. et al. Psicologia brasileira: uma análise de seu desenvolvimento. **Universitas Psychologica**, Bogotá, colômbia v. V. 14 No. 3 p. PP. 865-880 2015. ISSN 1657-9267

ANDRADE, K. O. D. et al. Qualidade de vida em estudantes de psicologia. **Psicologo informacao**, v. 15, p. 129-141, 2011. ISSN 1415-8809. Disponível em: <
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092011000100009&nrm=iso>.

BARDAGI, M. P. et al. Avaliação da formação e trajetória profissional na perspectiva de egressos de um curso de psicologia. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 28, p. 304-315, 2008. ISSN 1414-9893. Disponível em: <

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932008000200007&nrm=iso >.

BASTOS, A. V. B.; GOMIDE, P. I. C. O psicólogo brasileiro: sua atuação e formação profissional. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 9, p. 6-15, 1989. ISSN 1414-9893. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931989000100003&nrm=iso >.

BORGES-ANDRADE, J. E. et al. Psicologia brasileira: uma análise de seu desenvolvimento. **Universitas Psychologica**, v. 14, p. 865-880, 2015. ISSN 1657-9267. Disponível em: < http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1657-92672015000300006&nrm=iso >.

BORGES, M. C.; FERNANDEZ AQUINO, O. Educação Superior no Brasil e as políticas de expansão de vagas do Reuni: avanços e controvérsias. **Revista Educação: Teoria e Prática**, n. 39, 2012. ISSN 1517-9869.

BRASILEIRO, T. S. A.; SOUZA, M. P. R. D. Psicologia, diretrizes curriculares e processos educativos na Amazônia: um estudo da formação de psicólogos. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 14, p. 105-120, 2010. ISSN 1413-8557. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572010000100012&nrm=iso >.

CASTRO, A. E. F. D.; YAMAMOTO, O. H. A Psicologia como profissão feminina: apontamentos para estudo. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 3, p. 147-158, 1998. ISSN 1413-294X. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X1998000100011&nrm=iso >.

CERCHIARI, E. A. N. **SAÚDE MENTAL E QUALIDADE DE VIDA EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS** 2004. Curso de Pós-Graduação em Ciências Médicas da Faculdade de Ciências Médicas Universidade Estadual de Campinas

CERCHIARI, E. A. N.; CAETANO, D.; FACCEANDA, O. Prevalência de transtornos mentais menores em estudantes universitários. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 10, p. 413-420, 2005. ISSN 1413-294X. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2005000300010&nrm=iso >.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Quem é o psicólogo brasileiro?** Edicon, 1988.

IGUE, É. A.; BARIANI, I. C. D.; MILANESI, P. V. B. Vivência acadêmica e expectativas de universitários ingressantes e concluintes. **Psico-USF**, v. 13, p. 155-164, 2008. ISSN 1413-8271. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712008000200003&nrm=iso >.

LINS, L. F. T.; SILVA, L. G. D.; ASSIS, C. L. D. Formação em psicologia: perfil e expectativas de concluintes do interior do estado de Rondônia. **Gerais : Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 8, p. 49-62, 2015. ISSN 1983-8220. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202015000100005&nrm=iso >.

LISBOA, F. S.; BARBOSA, A. J. G. Formação em Psicologia no Brasil: um perfil dos cursos de graduação. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 29, p. 718-737, 2009. ISSN 1414-9893. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000400006&nrm=iso >.

NEVES, M. C. C.; DALGALARRONDO, P. Transtornos mentais auto-referidos em estudantes universitários. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 56, p. 237-244, 2007. ISSN 0047-2085. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852007000400001&nrm=iso >.

PEREIRA, F. M.; PEREIRA NETO, A. O psicólogo no Brasil: notas sobre seu processo de profissionalização. **Psicologia em Estudo**, v. 8, p. 19-27, 2003. ISSN 1413-7372. Disponível em: <

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722003000200003&nrm=iso >.

PEREIRA, M. D. S. et al. Estágio Profissionalizante e Formação em Psicologia: o Trabalho com Grupos como Dispositivo Formativo. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 38, p. 218-232, 2018. ISSN 1414-9893. Disponível em: <

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932018000200218&nrm=iso >.

POCHMANN, M. Estrutura social no Brasil: mudanças recentes. **Serviço Social & Sociedade**, p. 637-649, 2010. ISSN 0101-6628. Disponível em: <

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282010000400004&nrm=iso >.

RECHTMAN, R. O futuro da psicologia brasileira: uma questão de projeto político. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 4, n. 1, 2016. ISSN 2317-3394.

RISTOFF, D. O novo perfil do campus brasileiro: uma análise do perfil socioeconômico do estudante de graduação. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 19, p. 723-747, 2014. ISSN 1414-4077.

Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772014000300010&nrm=iso >.

SANTOS, K. R. et al. Perfil dos Psicólogos Inscritos na Subseção Leste do CRP-04. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 34, p. 864-878, 2014. ISSN 1414-9893.

Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932014000400864&nrm=iso >.

STORRIE, K.; AHERN, K.; TUCKETT, A. A systematic review: Students with mental health problems--a growing problem. **Int J Nurs Pract**, v. 16, n. 1, p. 1-6, Feb 2010. ISSN 1322-7114.

TRAVASSOS, R.; MOURÃO, L. Lacunas de Competências de Egressos do Curso Psicologia na Visão dos Docentes. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 38, p. 233-248, 2018. ISSN 1414-9893. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932018000200233&nrm=iso >.

WINZER, R. et al. Effects of mental health interventions for students in higher education are sustainable over time: a systematic review and meta-analysis of randomized controlled trials. **PeerJ**, v. 6, p. e4598, 2018. ISSN 2167-8359 (Print) 2167-8359.

YAMAMOTO, O. H. 50 anos de profissão: responsabilidade social ou projeto ético-político? **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 32, p. 6-17, 2012. ISSN 1414-9893. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932012000500002&nrm=iso >.

YAMAMOTO, O. H.; FALCÃO, J. T. D. R.; SEIXAS, P. D. S. Quem é o estudante de psicologia do Brasil? **Avaliação Psicológica**, v. 10, p. 209-232, 2011. ISSN 1677-0471. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712011000300002&nrm=iso >.

YAMAMOTO, O. H.; SIQUEIRA, G. D. S.; OLIVEIRA, S. C. D. C. A Psicologia no Rio Grande do Norte: caracterização geral da formação acadêmica e do exercício profissional. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 2, p. 42-67, 1997. ISSN 1413-294X. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X1997000100004&nrm=iso >.

Tabela 1 – Descrição da amostra de acordo com as características avaliadas (N=214).

Variáveis	N (%)
Sexo	
Feminino	159 (74,6)
Masculino	54 (25,4)
Idade	
≤19	22 (10,5)
20-24	83 (39,5)
25-29	51 (24,3)
30-39	32 (15,2)
≥40	22 (10,5)
Cor/raça (autodeclarado)	
Negro	27 (12,8)
Branco	150 (71,1)
Pardo	32 (15,2)
Amarelo	2 (0,9)
Indígena	
Situação conjugal	
Separado/divorciado	11 (5,2)
União estável	52 (24,4)
Solteiro	150 (70,4)
Viúvo	
Tem filhos	
Não	178 (83,6)
Sim	35 (16,4)
Onde morava ao iniciar o curso	
Pelotas	133 (62,7)
Região Sul	62 (29,3)
Região Sudeste	10 (4,7)
Outras Regiões	7 (3,3)
Situação de residência	
Pensão/casa do estudante	4 (1,9)
Pais	87 (41,1)
Companheiro	52 (24,5)
Outro Familiar	17 (8,0)
Amigos	25 (11,8)
Sozinho	21 (9,9)
Outros	6 (2,8)

Escolaridade pai	
Nenhuma	3 (1,5)
Ensino Fundamental (1º-5º ano)	54 (26,5)
Ensino Fundamental (6º-9º ano)	28 (13,7)
Ensino Médio	73 (35,8)
Ensino Superior	26 (12,7)
Pós-graduação	20 (9,8)
Escolaridade mãe	
Nenhuma	8 (3,8)
Ensino Fundamental (1º-5º ano)	39 (18,3)
Ensino Fundamental (6º-9º ano)	33 (15,5)
Ensino Médio	67 (31,5)
Ensino Superior	32 (15,0)
Pós-graduação	34 (15,9)
Renda familiar (SM)	
Até 1,5 salário mínimo	28 (13,1)
De 1,5 a 3 salários mínimos	57 (26,6)
De 3 a 4,5 salários mínimos	40 (18,7)
De 4,5 a 6 salários mínimos	31 (14,5)
De 6 a 10 salários mínimos	32 (14,9)
Acima de 10 salários mínimos	26 (12,2)
Situação de trabalho	
Não trabalha	112 (52,3)
Trabalha até 20 h/s	27 (12,6)
Trabalha >=20 h/s	75 (35,1)
Situação financeira	
Sem renda, auxílio de programas Governamentais	9 (4,2)
Sem renda, auxílio da família ou outras pessoas	77 (36,2)
Com renda, mas recebe ajuda	52 (24,4)
Com renda, sustento próprio	31 (14,5)
Com renda e contribui no sustento familiar	28 (13,2)
Principal responsável pelo sustento familiar	16 (7,5)
Situação econômica (ABEP)	
A	18 (8,4)
B	106 (49,5)
C	84 (39,3)
D - E	6 (2,8)
Tipo de escola – ensino médio	
Todo em escola pública	146 (68,6)
Todo em escola privada	49 (23,0)
A maior parte em escola pública	9 (4,2)
A maior parte em escola privada	9 (4,2)

Possui outra graduação	
Não	161 (75,6)
Sim	52 (24,4)
Psicologia foi 1º opção	
Não	49 (22,9)
Sim	165 (77,1)
Ingresso por ação afirmativa	
Não	119 (55,9)
Sim, étnico-racial	18 (8,5)
Sim, renda	10 (4,7)
Sim, estudo em escola pública/privada com bolsa	32 (15,0)
Sim, dois ou mais critérios	34 (15,9)
Aluno regular no curso	
Não	57 (26,8)
Sim	156 (73,2)
Ano de ingresso no curso	
2011	3 (1,4)
2012	7 (3,3)
2013	33 (15,4)
2014	46 (21,5)
2015	33 (15,4)
2016	42 (19,6)
2017	50 (23,4)
Dedicação aos estudos (horas/semana)	
0	6 (2,8)
<1	22 (10,3)
1<2	61 (28,6)
2<3	54 (25,4)
≥3	70 (32,9)
Motivo de escolha do curso	
Inserção no mercado	10 (4,8)
Valorização profissional	16 (7,6)
Vocação	133 (63,3)
Outros motivos	9 (4,3)
Não sabia informar	42 (20,0)
Pretensão com a escolha do curso	
Ajudar pessoas	67 (31,4)
Entender a si próprio	8 (3,7)
Obter retorno financeiro	4 (1,9)
Conhecer/entender a mente humana	52 (24,3)
Conhecer/entender os comportamentos e emoções	66 (30,8)
Outro	17 (7,9)

Motivo de escolha da Instituição - UFPEL	
Gratuidade	109 (50,9)
Proximidade da residência	30 (14,0)
Facilidade de acesso	7 (3,3)
Qualidade/reputação	30 (14,0)
Única onde obteve aprovação	14 (6,5)
Possibilidade de bolsa de estudo	4 (1,9)
Outro motivo	20 (9,4)
Pretende fazer pós	
Não	11 (5,1)
Sim	112 (52,4)
Não sabia informar	91 (42,5)
Pretende exercer a profissão	
Não	4 (1,9)
Sim	210 (98,1)
Área que pretende atuar	
Clínica	88 (42,1)
Social	34 (16,3)
Organizacional/trabalho	12 (5,7)
Hospitalar	17 (8,1)
Educacional/escolar	9 (4,3)
Jurídica	11 (5,3)
Esporte	1 (0,5)
Professor no ensino superior	12 (5,7)
Outro	25 (12,0)
Local que pretende trabalhar	
Consultório particular	49 (23,5)
Empresa privada	13 (6,2)
CAPS	12 (5,7)
CRAS	3 (1,4)
Hospital	15 (7,2)
Ainda não decidiu	96 (45,9)
Outros	21 (10,1)
Linha teórica de identificação	
Psicanálise	68 (32,5)
Terapia Cognitiva ou Cognitiva Comportamental	41 (19,6)
Análise do comportamento	16 (7,7)
Gestalt	2 (1,0)
Psicodrama	5 (2,4)
Sistêmica	3 (1,4)
Esquizoanálise	3 (1,4)
Outras	20 (9,6)
Não sabia informar	51 (24,4)

Público que pretende trabalhar	
Crianças	14 (6,7)
Adolescentes	9 (4,3)
Adultos	79 (37,8)
Grupos	4 (1,9)
Todas idades	65 (31,1)
Outros	8 (3,8)
Não sabia informar	30 (14,4)
Faz psicoterapia atualmente	
Não	149 (69,6)
Sim	65 (30,4)
Já fez psicoterapia em algum momento	
Não	74 (34,9)
Sim	138 (65,1)
Já teve algum diagnóstico de transtorno mental	
Não	174 (81,3)
Sim	40 (18,7)
Considera que tem alguma dificuldade	
Não	116 (54,7)
Sim	96 (45,3)
Utiliza alguma medicação psiquiátrica	
Não	192 (89,7)
Sim	22 (10,3)
Sofreu preconceito no curso	
Não	178 (84,4)
Sim	33 (15,6)
Preferência do turno p/ o curso de Psico-Ufpel	
Não tem preferência	23 (11,1)
Manhã	15 (7,3)
Tarde	9 (4,3)
Manhã e tarde	6 (2,9)
Tarde e noite	13 (6,3)
Noite	138 (66,7)
Outro	3 (1,4)
Horário de estágio compatível com o curso	
Não	120 (60,0)
Sim	80 (40,0)

Tabela 2 – Comparação entre os estudantes que trabalhavam e não trabalhavam de acordo com características demográficas, socioeconômicas, do curso de graduação e saúde mental (n=214)

Variáveis	Trabalho	
	Não N (%)	Sim N (%)
Sexo	<i>p=0,745</i>	
Masculino	34 (24,6)	20 (26,7)
Feminino	104 (75,4)	55 (73,3)
Idade	<i>p<0,001</i>	
≤19	20 (14,6)	2 (2,7)
20-24	73 (53,3)	10 (13,7)
25-29	26 (19,0)	25 (34,2)
30-39	11 (8,0)	21 (28,8)
≥40	7 (5,1)	15 (20,6)
Cor/raça (autodeclarada)	<i>p= 0,973</i>	
Negro	18 (13,1)	9 (12,3)
Branco	98 (71,0)	52 (71,2)
Pardo	21 (15,2)	11 (15,1)
Amarelo	1 (0,7)	1 (1,4)
Situação conjugal	<i>p<0,001</i>	
Separado/divorciado	6 (4,4)	5 (6,7)
União estável/comp.	22 (15,9)	30 (40,0)
Solteiro	110 (79,7)	40 (53,3)
Tem filhos	<i>p=0,001</i>	
Não	124 (89,9)	54 (72,0)
Sim	14 (10,1)	21 (28,0)
Onde morava ao iniciar o curso	<i>p=0,001</i>	
Pelotas	73 (52,9)	60 (81,1)
Região Sul	51 (36,9)	11 (14,9)
Região Sudeste	8 (5,8)	2 (2,7)
Outras regiões	6 (4,4)	1 (1,3)
Renda familiar (SM)	<i>p=0,313</i>	
Até 1,5 salários mínimos	21 (15,1)	7 (9,3)
De 1,5 – 3 salários mínimos	37 (26,6)	20 (26,7)
De 3 – 4,5 salários mínimos	21 (15,1)	19 (25,3)
De 4,5 – 6 salários mínimos	23 (16,6)	8 (10,7)
De 6 – 10 salários mínimos	22 (15,8)	10 (13,3)
Acima de 10 salários mínimos	15 (10,8)	11 (14,7)

Situação econômica (ABEP)	<i>p=0,467</i>	
A	14 (10,1)	4 (5,3)
B	66 (47,5)	40 (53,4)
C	54 (38,8)	30 (40,0)
D - E	5 (3,6)	1 (1,3)
Possui outra graduação?	<i>p<0,001</i>	
Não	124 (89,9)	37 (49,3)
Sim	14 (10,1)	38 (50,7)
Aluno regular no curso	<i>p= 0,203</i>	
Não	33 (23,9)	24 (32,0)
Sim	105 (76,1)	51 (68,0)
Dedicação aos estudos, horas/semana	<i>p=0,426</i>	
0	4 (2,9)	2 (2,7)
<1	13 (9,4)	9 (12,0)
1<2	35 (25,4)	26 (34,6)
2<3	40 (29,0)	14 (18,7)
≥3	46 (33,3)	24 (32,0)
Motivo de escolha do curso	<i>p=0,322</i>	
Inserção no mercado	6 (4,4)	4 (5,4)
Valorização profissional	7 (5,2)	9 (12,2)
Vocação	86 (63,2)	47 (63,5)
Outros motivos	7 (5,1)	2 (2,7)
Não sabia informar	30 (22,1)	12 (16,2)
Pretensão com a escolha do curso	<i>p=0,721</i>	
Ajudar pessoas	47 (33,9)	20 (26,7)
Entender a si próprio	4 (2,9)	4 (5,3)
Retorno financeiro	2 (1,4)	2 (2,7)
Conhecer/entender a mente humana	31 (22,3)	21 (28,0)
Conhecer/entender os comportamentos e emoções	43 (30,9)	23 (30,6)
Outro	12 (8,6)	5 (6,7)
Motivo de escolha da Instituição - UFPEL	<i>p=0,450</i>	
Gratuidade	64 (46,0)	45 (60,0)
Proximidade da residência	21 (15,1)	9 (12,0)
Facilidade de acesso	6 (4,3)	1 (1,3)
Qualidade/reputação	19 (13,7)	11 (14,7)
Única que obteve aprovação	11 (7,9)	3 (4,0)
Possibilidade de bolsa de estudo	3 (2,2)	1 (1,3)
Outro motivo	15 (10,8)	5 (6,7)
Pretende fazer pós-graduação?	<i>p=0,113</i>	
Não	4 (2,9)	7 (9,3)
Sim	73 (52,5)	39 (52,0)
Não sabe informar	62 (44,6)	29 (38,7)

Área que pretende atuar	<i>p=0,362</i>	
Clínica	56 (41,2)	32 (43,8)
Social	23 (16,9)	11 (15,1)
Organizacional/trabalho	5 (3,7)	7 (9,6)
Hospitalar	10 (7,4)	7 (9,6)
Educacional/escolar	4 (2,9)	5 (6,9)
Jurídica	9 (6,6)	2 (2,7)
Esporte	1 (0,7)	0 (0,0)
Professor do ensino superior	9 (6,6)	3 (4,1)
Outro	19 (14,0)	6 (8,2)
Local que pretende trabalhar	<i>p=0,118</i>	
Consultório particular	28 (20,6)	21 (28,8)
Empresa privada	6 (4,4)	7 (9,6)
CAPS	7 (5,2)	5 (6,8)
CRAS	1 (0,7)	2 (2,7)
Hospital	8 (5,9)	7 (9,6)
Ainda não decidiu	69 (50,7)	27 (37,0)
Outros	17 (12,5)	4 (5,5)
Linha teórica de identificação	<i>p=0,333</i>	
Psicanálise	39 (28,7)	29 (39,8)
Terapia Cognitiva ou Cognitiva Comportamental	30 (22,1)	11 (15,1)
Análise do comportamento	13 (9,6)	3 (4,1)
Gestalt	2 (1,5)	0 (0,0)
Psicodrama	3 (2,2)	2 (2,7)
Sistêmica	1 (0,7)	2 (2,7)
Esquizoanálise	1 (0,7)	2 (2,7)
Outras	12 (8,8)	8 (11,0)
Não sabe informar	35 (25,7)	16 (21,9)
Público que pretende trabalhar	<i>p=0,322</i>	
Crianças	8 (5,9)	6 (8,2)
Adolescentes	7 (5,1)	2 (2,7)
Adultos	50 (36,8)	29 (39,7)
Grupos	3 (2,2)	1 (1,4)
Todas idades	38 (27,9)	27 (37,0)
Outros	5 (3,7)	3 (4,1)
Não sabe informar	25 (18,4)	5 (6,9)
Faz psicoterapia atualmente	<i>p=0,579</i>	
Não	95 (68,4)	54 (72,0)
Sim	44 (31,6)	21 (28,0)
Já fez psicoterapia em algum momento	<i>p= 0,722</i>	
Não	49 (35,8)	25 (33,3)
Sim	88 (64,2)	50 (66,7)

Já teve algum diagnóstico de transtorno mental	<i>p=0,003</i>	
Não	105 (75,5)	69 (92,0)
Sim	34 (24,5)	6 (8,0)
Considera que tem alguma dificuldade	<i>p=0,085</i>	
Não	69 (50,4)	47 (62,7)
Sim	68 (49,6)	28 (37,3)
Utiliza alguma medicação psiquiátrica	<i>p=0,080</i>	
Não	121 (87,1)	71 (94,7)
Sim	18 (12,9)	4 (5,3)
Sofreu preconceito no curso	<i>p=0,532</i>	
Não	114 (83,2)	64 (86,5)
Sim	23 (16,8)	10 (13,5)
Preferência do turno p/ o curso de Psico-UFPEL	<i>p<0,001</i>	
Não tem preferência	21 (15,4)	2 (2,8)
Manhã	13 (9,6)	2 (2,8)
Tarde	8 (5,9)	1 (1,4)
Manhã e tarde	6 (4,4)	0 (0,0)
Tarde e noite	11 (8,1)	2 (2,8)
Noite	74 (54,4)	64 (90,1)
Outro	3 (2,2)	0 (0,0)
Considera o horário de estágio compatível c/ o curso	<i>p=0,011</i>	
Não	69 (53,5)	51 (71,8)
Sim	60 (46,5)	20(28,2)